



*A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.*

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

A Prudencia he quem me inspira.

A Constituição, faz irresponsaveis os Representantes do Povo, pelas suas opiniões em Congresso: a mesma Constituição permite a todo o Cidadão publicar suas idéas por escripto, ou por palavra.

Eis aqui o meu direito: e he apoiado nelle, que eu vou hoje subir á tribuna pública, de onde tenho orado atégora, e da qual, tenho intrepido feito troar a trombeta da verdade, a favor da felicidade da minha Patria. A Sessão das Cortes de 20 do corrente he o meu thema: a Causa Pública o meu objecto.

He chegado o tempo de brilhar a razão, e dissipar por hum a vez a tenebrosa nevoa que nos tem occultado a estrada que devemos seguir para caminhar-mos ao nosso fim: isto he, para ser-mos livres, e fazer-mos por tanto a felicidade de cada hum em particular, e de todos em geral.

A Sessão de 20, teve por objecto a adopção de meios para sustentar-mos, como nossa, a causa, ou talvez os caprixos, de hum a nação estranha, que se vé hoje ameaçada de perto por outra mais poderosa do que ella. Havendo sido aquella questão fortemente debatida, causa espanto que todos os membros da Assembléa, com a excepção de hum (1) não quizessem entrar

no honroso campo que a materia lhes offercia, e se propoessem sómente a illudirse huns aos outros, deixando-se escorregar voluntariamente para darem hum maior vigor aos systematicos caprixos de alguém: expliquemo-nos.

O Congresso adoptou por principio de qualquer deliberação sobre a importante materia de que tratou, que = Toda e qualquer aggressão estrangeira contra a *Hespanha*, para destruir ou modificar suas instituições, seja reputada como feita directamente contra *Portugal* = Este principio he oposto ao direito das gentes, antipolitico, e fatal para nós. He opposto ao direito das gentes, porque direito nenhum temos em entrevir n'uma questão estranha, contra hum a Potencia com quem nos achamos em perfeita harmonia, e que não tem com hum a só palavra attacado nossa existencia politica: he antipolitica, por que achando-se aquella Potencia estreitamente enlaçada com as primeiras da *Europa*, teremos de expor-nos a alterar nossas relações politicas para com ellas: He fatal para nós, porque não tendo forças nem meios para nos empenhar-mos em tão poderosa contenda, arriscaremos as nossas instituições, e liberdade. Entremos em materia.

[1] Foi o Sr. *Bastos*. Não o conheço pessoal-

mente, mas tenho a maior consideração para com seus talentos. (o Reductor.)

Quando em 1820 se restabeleceu em *Hespanha* a Constituição do anno 12, a *França* podendo dispor logo de huma força sufficiente para atalhar ao seu progresso, se nisso se julgasse interessada, não só o não fez, mas presenciou tranquillamente aquelle acontecimento, que de alguma maneira a devia affectar. A Constituição principiou pois a restabelecer-se em *Hespanha*, sem que suas relações politicas com a *França* padecessem a menor alteração. *Portugal*, seguiu poucos mezes depois o mesmo systema, e não foi menos feliz nos resultados.

Os negocios em *Hespanha*, principiãrão no anno 21 a tomar huma diversa face, cujos symptomas terriveis lavrãrãosensivelmente para além dos Pyreneus; e foi então que a *França* começou a sobresaltar-se, e a reconhecer a melindrosa situação em que se achava. O *Governo Francez*, depressa observou iguaes symptomas em alguns pontos da *França*, teve que atalhar sedições, e evidentemente se convenceu de que ellas nascião de intelligencias secretas, que hião tomando hum rapido vigor. Este estado de couzas não podia durar: o *Governo* reconheceu os projectos, e tremeu pela paz da *França*, e por sua propria existencia. As prevenções passivas, pela actividade com que em *Hespanha* se laborava, já não erão bastantes para atalhar o premeditado incendio, que devia abrazar toda a *França* em pouco tempo: só a energia mais activa a podia salvar. Hum exercito *Francez* de observação veio pois immediatamente guarnecer os limites naturaes entre as duas nações, sem com tudo se alterarem as relações pacificas que entre ambas subsistia.

Porém, isto não foi bastante, nem para que a *França* se julgasse segura, nem para que o mesmo espirito dominante em *Hespanha* cedesse de seus projectos. A *França*, julgou por tanto que lhe era necessario seguir outro systema de opposição mais energico, e uzar de represalias: auxiliou de alguma sorte os partidos rebellados da *Catalunha* (1) Mas esta situação era demasiado forçada para poder durar; e a intriga laborava surdamente de parte a parte.

O *Governo Francez*, convenceu-se em

fim de que na verdade não era possivel equilibrar-se a paz da *França* com as modernas instituições de *Hespanha*, e muito menos com aquelles que as dirigião. Elle o manifestou francamente a seus alliados, e a sua resolução he bem sabida. A *França* auctorizada por tanto a prover á sua segurança, por meio da aggressão, ou das convenções, preferio estas a aquella, e propoz sinceramente á *Hespanha* algumas modificações tão rasoaveis em suas instituições, que ellas se achão adoptadas no systema das principaes Potencias livres. Pouca gente haverá que ignore que esta offerta foi geralmente bem recebida em *Hespanha*, por todos aquelles que não formão huma facção particular, intima allia da dos novas instituições. Ella a regeitou com audacia, e tão obstinadamente, que prefere ver a *Hespanha* nos braços da anarchia, que ceder de hum só de seus caprixos, e particulares intenções! Tem visto por tanto, o *Governo Francez* frustrados todos os seus esforços de consiliação, não pela *Hespanha*, mas por aquelles que mais influentes hoje a governão. O *Governo Francez*, resolveu pois conseguir pelas armas, o que por meios rasoaveis e conciliadores não pode obter.

Tal he o estado em que se achão os negocios de *Hespanha*, e tal hasido a sua origem. Vejamos agora as circunstancias em que se acha *Portugal* relativamente á quella questão, em que lhe querem dar parte.

Portugal ha sido inteiramente estranho a todos aquelles acontecimentos, tanto por sua posição topografica, como pela admiravel tranquillidade com que tem operado sua nova organização de *Governo*. Ainda que esta seja em tudo semelhante á da sua vizinha, a *Hespanha*, nem por isso a *França*, no meio de seu ressentimento, lhe ha dirigido recriminação alguma, nem alterado suas amigaveis relações; o que certamente indica os pacificos sentimentos de que para comnosco se acha animada. O discurso que o seu *Rei* proferio na abertura das *Cameras*, he hum autentico testemunho que nos affiança esta verdade. A' vista disto, como quiz o *Congresso* violentar aquella Potencia a ser nossa inimiga? ou antes, como quiz provocala á guerra? houve acaso alguma explicação de parte a parte, cuja obscuridade nos faça arrepear que ella se declare contra nós? Não certamente. O *Congresso* entregou-se pois a huma discussão prematura, de que

[1] Não tanto como alguns querem, para fundamentar suas recriminações. Estes auxilios consistião mais em acolher aquelles partidos no territorio *Francez*, que em fomentalos, como se pertende.

não deveria occupar-se senão quando aquella Potencia de nós houvera feito menção.

Esta precipitação em que se lançou, lhe não deu logar a prever, que ainda quando a *Hespanha* tivesse hum exito infeliz nas suas dissensões com a *França*, nós poderíamos, a pezar disso, sustentar a nossa liberdade ainda que fosse com algumas bem entendidas modificações, huma vez que não atrahissemos o ódio do vencedor. E se pelo contrario forçar-mos aquella Potencia a ser nossa inimiga, que vantagens poderemos nós recolher? nenhuma sem duvida; antes a nossa ruina será infalivel. A guerra que ella nos fizer, nos será talvez menos prejudicial na terra, que no mar. Senhora hoje de huma numeroza marinha, não perderia a occasião de dar o derradeiro corte em nosso debilitado commercio: e essa seria para nós a maior de todas as derrotas. Embora se tomem de antemão as necessarias precauções para sahir-mos ao campo, quando a isso nos forcem directamente; isto acho eu prudente, mas nunca ser-mos nós os provocadores, para que ao menos não haja esse pretexto contra nós. He preciso que nos conheçamos, e que lancemos huma vista circumspecta sobre o futuro, que já hoje pode ser calculado, quasi com exactidão.

Custa na verdade a acreditar que n'uma Assembléa Legislativa se tratasse huma tão importante materia debaixo de hum aspecto jocoso, que pareceu ter só por objecto ridicularisar nossa melindrosa situação! Sim, alguns Membros da Assembléa, abandonando inteiramente o essencial ponto da questão, se entranhárão pelas invectivas, já contra o Rei de *França* já contra os exercitos francezes; huns os denominárão, *exercitos de cabelleira*, outros de *aristocratas*, outros de *escravos*, a quem o unico aspecto dos constitucionaes será bastante para debellar. Táes discursos de nada servem, senão de desacreditar o *Congresso*, onde para sua dignidade, nunca deverião ser pronunciados. Que hum máo Jornalista desça a essas futilidades, não he de estranhar; porém hum Representante da Nação, cuja dignidade de pensar, e de exprimir-se devem estar em justas proporções com a auctoridade que representa, he altamente reprehensivel aos olhos do mundo civilizado. Não he com taes armas que nós havemos de resistir a hum inimigo poderoso, e para o qual a guerra he hum elemento natural. As invectivas dirigidas contra o *Monarcha Francez*, não servindo de úti-

lidade alguma, nem á Nação, nem ao *Congresso*, apenas podem dar maior consistencia á primeira das recriminações com que os *Reis* da *Europa* nos estão dando de rosto. E quereremos nós, ou nos convirá rivalidalas?

E que diremos da informação tortuoza que o *Ministro dos Negocios Estrangeiros* deu ao *Congresso* sobre o estado de nossas relações com a *Inglaterra*? Nunca se vio huma tão manifesta contradicção! O *Ministro*, informando o *Congresso* de que o *Governo* de S. M. B. havia declarado, que sustentaria os antigos tractados subsistentes que o enlação a *Portugal*, seu antigo alliado, dando-lhe todos os soccorros para sustentar sua independencia politica, quando a veja ameaçada, declarou ao mesmo tempo que esta renovação de sentimentos não era com tudo extensiva ás nossas novas instituições, (1) com as quaes não tinha ligação alguma. A' vista de huma explicação destas, como ha quem lance as suas vistas para a *Inglaterra*? Como se querem illudir os Membros do *Congresso* huns aos outros, fallando de auxilios daquella parte? Eu já disse em hum dos passados *Numero*s, que a politica da *Inglaterra* era bem conhecida desde o *Congresso* de *Layback*: e que para prova de que ella não auxilliará nossas modernas instituições, era não as ter reconhecido. A'lem de que, as suas intenções são tão patentes, que ella tem feito reclamações, mui positivas, sobre a alteração do tratado commercial de 1810, como o *Congresso* está informado. E como ha quem se atreva a dizer que a *Inglaterra* auxilliará a nossa Cauza? Isto parece mais hum sonho, que hum factio.

A *Peninsula*, vai pois envolver-se n'huma contenda contra a *Europa*, em que não pode contar senão com seus naturaes recursos. Abandonada da unica potencia que podia ministrar-lhe soccorros, e empunhar o leme das negociações, o resultado da sua obstinação não será duvidoso. Ella quererá ainda recorrer á sua mediação, mas talvez já não seja tempo: nós o acreditamos firmemente. Lembrem-se os *Peninsulares* que se em quanto as armas francezas não descem os *Pyrineus*, não tratão de negociar a paz, depois não terão hum unico intervalo para a propor honrosamente, porque mesmo lhe não serão admitidas quaesquer

(1) Isto acha-se bem expendido no *Relatorio* que este *Ministro* offereceu a estas *Cortes ordinarias*.

proposições. Esta guerra he de hum caracter mui diverso das outras que havemos sustentado; e assim como hoje da nossa parte se diz arrogantemente: *não transijamos com elles*, assim elles nos responderão, quando virem a nossa perda eminente!

Se a *Hespanha* se obstina em não querer adoptar as propostas modificações na Constituição, porque assim convem a hum certo partido dominante, e prefere antes cahir outra vez no absolutismo, do que conservar huma liberdade rasoavel, e de certo mais conforme com a educação dos Povos (1), embora ella se abisme, se assim o quer; mas não seja *Portugal* o misero satellite da sua desgraça. Em que bella situação se acha o *Portugal* para forçar a *Hespanha* a desistir de hum louco projecto, e evitar a guerra! Sim se ella não quer aceitar as propostas modificações, tomemos-lhe nós o passo, aceitemos-las, e ella se verá obrigada instantaneamente a aceitar-tal-as também. Não o duvidemos: este he o partido mais rasoavel que a prudencia nos aconselha. Só desta sorte he que poderemos reunir os espiritos, entre nós tão divergentes, e estabelecer-mos sem temor a nossa liberdade civil. Que importa que nós desistamos de alguns principios, que entre nós mesmos passam por exaltados, se essa desistencia nos vai congrassar interior, e exteriormente? se só assim he que podemos fundar para sempre os alicerces de huma Monarquia Constitucional?

Se nós não vira-mos entre nós huma divisão consideravel nas vontades, procedente de huma manifesta desaprovação, se não vira-mos a Europa quasi toda conspirada contra nós, embora sustentassemos inflexiveis hum systema, que julgamos melhor que todos os outros, a pezar de que a experiência ainda por tal o não tenha qualificado. Porém, quando nos vemos a braços com a guerra civil, quando os mesmos creadores, ou reguladores deste systema novo, se achão convulsos e vacilantes á testa delle, cercados de inimigos, e sem apoio, he quando recusamos descer um degráo, para nos reconciliar-mos com nós mesmos, com a Europa, e com a liberdade bem regulada?! Que tememos! qual

he o nosso receio? A dureza das condições? Vão fantasma! A suavidade dellas, he quem nos affiança o futuro feliz que desejamos: a duração de hum Governo representativo; ellas serão a sua melhor garantia.

Ah! quem poderá oppor-se a tão prudente deliberação? Quem assás cego haverá que não confesse que esta he a nossa unica taboa de salvação? Serão acazo esses que derão o impulso, e que julgão sua existencia comprometida? Elles o não devem ser. Outra estrada, talvez mais gloriosa, se lhes abre agora diante de seus passos, para os conduzir ao templo da Immortalidade, e serem os Anjos bemfazejos da sua Patria. Sim he esta para elles, a sua mais bella época; e entre ella, e o seu precipicio, não medêa mais que hum passo. Será este o unico meio de polirem a sua obra, e de a consolidarem. Porém se um frenetico orgulho, se huma vontade deliburada de servirem seus caprixos, os obstina em proseguir nelles, a travez da torrente da opinião, será hum povo inteiro o flexivel autómato que se deixe mover a seu sabor? deverá elle ser a victima de seu systema? Não, sem duvida. Elles se acharão sós em campo, e não lhes caberia então em partilha, mais que a deshonna, o opprobrio, e a universal indignação. Que elles se convenção desta importante verdade, e que nos não sacrificuem.

O tempo insta, e a conjunctura he a mais plausivel. Nós temos hum poderoso mediador, (*a Inglaterra*) que fiel a huma alliança de seculos, não duvida, pode-se affiançar, de promover a negociação, e de ser o garante do tractado.

Amigos da liberdade bem regulada! Fechai vossos ouvidos ás vozes daquelles que se esforção por nos desviar de transigirmos com quem nos offerece huma paz honrosa, capaz de firmar para sempre a nossa felicidade, e decorosa independencia. Aceitemos-la, e não sejamos os instrumentos de caprixos particulares, ou de sinistras pretensões. (*O Redactor* .)

Destruição da Impostura.

Estava reservado para nossos dias ouvir-se hum Representante do Povo, hum pequenino Soberano (1), gritar em tom

(1) Sim com a educação dos Povos. Embora lhe chamem prejuizos. Os Povos peninsulares são nutridos desde o berço com sublimes idéas de realza, que se achão profundamente gravadas em seus corações. Tudo quanto a rodea he por elles respeitado. (*O Redactor*)

[1] Sem duvida. Quem lhe poderá negar hum centesimo de Soberania? Se ella reside no todo, está visto que hade residir na parte como huma fracção do todo. E então não he elle hum *Soberaninho*?

proclamador, no meio da Assembleia Legislativa, de que faz parte, contra hum pobre Jornalista, por expressar sem rodeios a sua opinião, e desenvolver francamente principios de verdade eterna, que homem nenhum de probidade he capaz de contrariar. Este foi o Snr. Deputado *Moura*, na Sessão de 19 do corrente.

Tem a *Trombeta* manifestado por muitas vezes, e hoje o repete, que *Portugal* se acha em difficillimas (a não serem impossiveis) circumstancias de sustentar huma guerra com qualquer Potencia, e muito menos com huma tão poderosa como a *França*; que não ha dinheiro, que os arsenaes estão vasio, e em fim por ultima desgraça, que não temos força moral, porque os animos estão geralmente divergentes. Esta reconhecida verdade, tem sido por muitas vezes enunciada no Congresso, por mais de hum de seus membros, e tanto que he sobre ella que se agitação hoje as mais importantes questões do dia. Porem, o Snr. *Moura*, inimigo natural da verdade, que não lhe sôa bem, particularmente quando ella sôa pela boca da *Trombeta*, julgou que devia extraviar-se do objecto da discussão para invectivar contra ella á face dos Representantes da Nação, para ver talvez, se magoados de seus queixumes decretavão a sua supressão; e pelo que vemos, não esteve isso muito longe, porque ainda levou seus = apoiados =.

Entre outras cousas, diz este imparcial legislador, em huma enthusiasmada interrogação: " Quem se não admirará de que em *Portugal*, á face de tantos homens sabios, de tantos *Liberaes*, e de tantos *patriotas*, huma publicação escripta neste sentido, *inunde* tres vezes na semana esta Capital, e que esta publicação não desista de proclamar nas segundas, quartas, e sabados: (1) *não temos dinheiro; Portugal está no estado do maior abatimento; os Potencias que o attacão são formidaveis; os meios que desenvolvem contra nós, são insuperaveis, e invenciveis*"

Ora Snr. *Moura*, esta he daquellas invectivas que não merecem resposta; mas para preencher um vacuo das minhas poucas horas vagas, sempre lha dou. Digame, Snr., em que palavra, ou oração de todo este § com que me argue, mas que tanta honra me faz, deixa de resplande-

cer a verdade? em que palavra, em que oração se encontra huma impostura? O Snr. *Moura* deu huma pessima idea a toda a Nação, da moral que professa! e da falta de rectidão que o acompanha! porque atacando de falsa esta doutrina, prova manifestamente que só invertida pode ser verdadeira; isto he: *que temos muito dinheiro; que Portugal está no estado da maior prosperidade; que as Potencias que o attacão são fraquissimas; e em fim que os meios que desenvolvem contra nós são debeis, e despreziveis.*

Então Snr. *Moura*, isto será verdadeiro? Era dizendo isto, que eu havia de distinguir a minha pena da sua moral? era fallando assim a huma Nação culta, que lhe havia de transmitir o estado de nossas circumstancias? Será esse o dever de hum escriptor honrado?! Se o Snr. *Moura* tem motivos de recentimento particular (mas não fundados) contra a *Trombeta*, porque se não vale dignamente dos meios que estão á sua disposição para a combater? porque não desiste de huma, ou duas moedas, e recolhido ao seu gabinete, invoca os seus talentos, e faz dardejardar da imprensa o raio abrazador da razão, sobre ella? Não tema, olhe que dá com hum adversario generoso, que he capaz de confessar o seu erro, e celebrar até a sua propria victoria. Eu tanto fulmino o ridiculo, e o desprezível sobre os baixos e abjectos inimigos, como entro em duelo honroso com inimigos generosos, e que sabem combater com dignidade.

Diz o Snr. *Moura*, que a *Trombeta* inunda tres vezes na semana esta Capital. He huma verdade; mas que pertende inferir dessa inundação? que he gratuita? não pode ser, porque a voz publica lhe hade ter informado o contrario, Ah! tem o Snr. *Moura* mais huma indubitavel prova, de que este Jornal, nem he mentiroso, nem vendido a partidos: e que a prodigiosa extracção que ha tido desde o 1.º N.º até este, atesta o bom conceito que a Nação faz delle, pelo acolhimento com que se digna recebello. Porem eu bem vejo, que he nesta publicidade que peca toda a aversão que o Snr. *Moura* lhe professa; porque se elle fosse hum importuno inquilino dos Livreiros, ou tivesse, a virtude de adormentar os Leitores, para que não observassem os SS. *Mouras*, então não temos duvida de que o não honraria com suas reprehensões no meio da Assembleia Nacional.

Tambem o Snr. *Moura* crimina a *Trombeta* por não desistir nunca de seus

[1] Olhe que he ás terças, quintas, e sabados: só se jurou desnaturalisar a verdade, por toda e qualquer parte onde a encontre! Ah Snr. *Moura*! Snr. *Moura*!

principios; e agora me recordo de que essa mesma queixa appareceu, não ha muito tempo, no Diario do Governo. Pois Sr. Moura, eu não tenho expressões bastantes para lhe agradecer a justiça que me faz, ainda que seja involuntaria. Na verdade, quem tiver lido todos os 45 Numeros que tenho escripto (1) achará que o mesmo espirito, e a mesma imparcialidade que dictarão o 1.º, brilhão com a mesma pureza em todos os demais. D'antes julgava-se isto huma virtude, e inteireza de character; porem nestes dourados tempos do liberalismo em que a *Filosofia* se regenerou com os Peninsulares, reputa-se huma fraqueza de genio, huma escravidão de pensamento, em fim huma antigualha reprehensivel!

Adeus Sr. Moura, não posso mais porque a materia he agreste, por isso que o seu objecto he falso em demasia. Não posso deixar a pena, sem lhe recomendar com a franqueza de Portuguez, ou talvez antes de hum amigo: Sr. Moura! seja justo: respeite, e adore a verdade, onde quer, e debaixo de qualquer forma que a encontre: olhe que esta he a primeira base das virtudes sociaes; e se se não pode vencer, fuja da sociedade, e vá embrenhar-se n'um deserto.

(Continuação de N.º 44.)

Considerai Srs. os que sois esposos, e Pais, com que violencia assignaries huma Ordem para sahir desterrada a vossa Esposa, a Mãe de vossos Filhos, e a vossa legitima Companheira; entrai como homens, e como homens sensiveis e de bem nesta cruel e penosa situação, e vede o preço do sacrificio de nosso Rei, e quanto elle nesta acção se mostrou fiel, e o primeiro Executor da Constituição. Não façais porém injuria ao Homem Virtuozo, ao Espozo, e Pai respeitavel em exitardes hum momento em que, no assignar tal Decreto houve *espontaneidade*, mas somente submissão á Lei, firmeza de character, e observancia dos Juramentos.

He igualmente torcida a interpretação dada ao § que começa = A esperança de melhora = e que a finda = cançados em fim = O Amor do Bem, o ousado despejo do homem livre que afronta o perigo para dizer

[1] Sim. Sr., tenho escripto; o que se acha em todos elles, que não tenha sahido desta pena, não encherá de certo 40 folhas. Tenho um sortimento meu inexgotavel.

(O Redactor.)

a verdade, respira todo o discurso em que está o § accusado. O suprimimento de reticencia segundo as intenções do Réo, ei-lo aqui.

"Cançados em fim os Portuguezes de sofrerem vexações, e verem infracções" de Lei recorrerão ás Cortes, e ao Rei, e lhe pedirão Justiça.

Eis aqui Srs. supprida a reticencia segundo as verdadeiras intenções do Redactor, e desfeita e reduzida a pó toda a inculpação intentada. Se o simples Cidadão não he absolutamente livre porque sua liberdade he coarctada pelas Leis, muito menos o he hum Rei, e hum Rei Constitucional. Esta coacção da Lei he justa, he indispensavel. Hum Rei Constitucional, só tem acto espontaneo quando jura; logo que jurou findou o Motu proprio, a certa sciencia, o poder absoluto, e a *espontaneidade*, manda, governa, assigna, e obra conforme a Lei: e desta forma se entende, e não de outra maneira, o que o Réo disse no Periodico denunciado.

Considerai Srs. que sobre o vosso Julgado tem fitos os olhos todo o Portugal, hedes dar hum grande exemplo de imparcialidade, e de justiça. Dizei á vossa consciencia = "se algum Cidadão por maior que seja o seu cargo, preeminencia, ou qualidade se julga attacado injustamente, venha aqui, venha ante nós, confunda o seu Accuzador, e faça apparecer a verdade. Se desdenha este processo, ou julga que lhe fica mal, aqui não ha respeito, só se julga de officio, quando *directamente*, ou a Religião se attaca, ou o Poder Legislativo, ou a Sagrada Pessoa do Rei; tudo o mais são questões particulares" Da porta deste Tribunal para dentro só dois Nomes se conhecem e se respeitão = a Verdade, e a Justiça =

Conclui Srs.; muito mais diria, mas o tempo he precioso, e sou de estillo Asiatico censurado. He verdade que a melhor defeza do R. além do sentido litteral dos discursos que se inculpaõ, e da letra da Constituição está na vossa consciencia, e na vossa conhecida imparcialidade. Perdoai ao debil Patrono não tratar esta Causa como devia a ella mesmo, e á vossa dignidade. Absolvei o Escriptor corajozo, e dizei aos Particulares nos seus escritos attacados, que o accuzem, que o convençam, e que fação apparecer, e brilhar a verdade. Conservai intacta a preciosa liberdade de escrever e de fallar, e se quereis ser livres deixai a liberdade aos Escriptores, aliaz se houverem felizes intrigantes que saibão apossar-se do poder, sereis algeimados ao mago som dessa mesma palavra *Liberdade*. = Disse, com procuração nos Autos. O Advogado da Casa da Suplicação, e Curador do Jury.

Manoel José Gomes d'Abreu Vidal.